

**O discurso sobre identidades dissidentes no contexto escolar:
uma abordagem com foco na inclusão**

*The discourse on dissident identities in the school context:
an approach focused on inclusion*

Wendel Souza SANTOS¹

Resumo

Os vários discursos produzidos no contexto escolar favorecem a construção da ideia de verdade e legitimidade sobre as identidades dissidentes ancorados na disciplina e normatização das subjetivações. Assim, o objetivo desta pesquisa foi analisar os efeitos e sentidos da produção discursiva sobre as identidades dissidentes no contexto escolar, pois, na história das sexualidades, os discursos foram produzidos a partir do interesse das classes dominantes. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva, através de entrevistas abertas com três alunos homossexuais do ensino médio. As análises dos *corpus* coletados se deram a partir do arcabouço teórico metodológico da análise do discurso em consonância com os estudos feministas culturais e sociais. Os resultados apresentaram a construção do discurso de opressão, através de verbalizações homofóbicas no contexto da escola.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Sexualidade. Identidade Dissidente. Contexto Escolar.

Abstract

The various discourses produced in the school context favor the construction of the idea of truth and legitimacy over dissident identities anchored in the discipline and normalization of subjectivations. Thus, the objective of this research was to analyze the effects and meanings of discursive production on dissident identities in the school context, since, in the history of sexualities, discourses were produced based on the interests of the dominant classes. To this end, qualitative research was carried out, of a descriptive nature, through open interviews with three homosexual high school students. The analyzes of the collected corpus were based on the theoretical methodological framework of discourse analysis in line with cultural and social feminist studies. The results showed the construction of the discourse of oppression, through homophobic verbalizations in the school context.

Keywords: Discourse Analysis. Sexuality. Dissenting Identity. School Context.

¹ Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual de Santa Cruz- UESC.
E-mail: wss181@hotmail.com

Introdução

A educação sobre sexualidade não são questões prioritárias no contexto escolar e muitas vezes são discursivadas como “incitação ao sexo”, “erotização” e “pornografia”. Na sala de aula, no recreio, nas brincadeiras, nos corredores, por toda parte ecoam palavrões, xingamentos e bullying entre os alunos e os professores parecem invisíveis ou se acostumaram de tantas repetições. Desse modo, percebemos a importância da escola ao inserir as temáticas sobre sexualidade para a formação da cidadania, respeito ao outro, conhecimento do corpo, desenvolvimento da autoestima, exercício da sexualidade de forma segura e responsável, proteção contra violências sexuais e os problemas de exclusão, discriminação e opressão presentes na sociedade.

Embora as discussões devam ser interdisciplinar e transversal no contexto escolar, quando não silenciadas, aparecem no final do livro de ciências com viés biológico e fisiológico do corpo humano. “Aparentemente se deduz a identidade de gênero e sexual através de marcas biológicas; o processo é, no entanto, muito mais complexo e essa dedução é equivocada. Os corpos são significados pela cultura e, continuamente, por ela alterados” (Louro, 2000, p. 8).

De maneiras diversas, meninos e meninas também exercem formas de controle uns sobre os outros. Todavia, para compreender o que são as relações de poder, é necessário conhecer as formas de resistências construídas na história das sexualidades e seus reflexos na contemporaneidade (Foucault, 2009). O discurso sobre as identidades dissidentes, no entanto, é uma construção social que, ao longo da história, sempre foi objeto de preocupação moral e, como tal, submetida a valores e ideologias predominantes na sociedade.

A escola como espaço social, também é um local onde circulam esses discursos hegemônicos quanto às questões ligadas à sexualidade com a lógica do binária dos corpos (homem-mulher), onde tudo que se afasta deste modelo, são consideradas anormais e reprimidas. Assim, os homossexuais são vistos como pecadores e são muitas vezes marginalizados na escola (Louro, 2008).

Para Louro (2008), o discurso heteronormativo² tem funcionado como regulador da sexualidade, mostrando que, apesar da presença cada vez maior da diversidade sexual

² O discurso heteronormativo reconhece a heterossexualidade como única forma de viver a sexualidade.

nos diversos âmbitos sociais, inclusive na escola, o discurso de normalidade permanece, incluindo determinados sujeitos e excluindo outros.

Desse modo, o objetivo desta pesquisa foi investigar os sentidos e efeitos dos discursos sobre as identidades dissidentes produzidos no contexto da escola. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa de natureza descritiva, por meio de entrevista aberta com três estudantes homossexuais do ensino médio. Adriano, Lucas e Paulo são nomes fictícios utilizados para deixar a pesquisa mais próxima da realidade. Os enunciados coletados foram analisados através da análise do discurso em articulação com os estudos feministas sociais e culturais de Louro (1997, 2000, 2007, 2008), Foucault (1999, 2009), Jardim (2006), Miskolci (2009, 2012), Scott (1995), Silva (2005), Weeks (2000) e Butler (2003).

O discurso sobre sexualidade na perspectiva de Foucault

Foucault (2009) inicia seus escritos pontuando o conceito da sexualidade ocidente, dando ênfase ao século XIX, período marcado pela intensa produção de teorias acerca da sexualidade, em que o autor realiza um contraponto a hipótese da repressão. A sexualidade enquanto discurso, encontra-se subjugada às relações de poder. Segundo o autor,

no espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções. O que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira, nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Não somente não existe, como não deve existir e à menor manifestação fá-lo-ão desaparecer — sejam atos ou palavras. As crianças, por exemplo, sabe-se muito bem que não têm sexo: boa razão para interdita-lo, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado. Isso seria próprio da repressão e é o que a distingue das interdições mantidas pela simples lei penal: a repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber. Assim marcharia, com sua lógica capenga, a hipocrisia de nossas sociedades burguesas (Foucault, 2009. P.10).

Desse modo, o autor nos apresenta a história da sexualidade em contextos e percursos históricos, que se caracterizam pela repressão dos discursos. Partindo dos pressupostos do filósofo, percebemos o quão necessário se faz compreender a sexualidade com as relações sociais estabelecidas entre os sujeitos.

Quando Foucault (2009) analisa os discursos construídos sobre as sexualidades, o mesmo tende a provocar um sentimento de desconstrução de verdades e reporta-nos para uma análise crítica e questionadora face ao conhecimento concebido como padrão, legítimo e científico.

No bojo dessas análises, a repressão social impede o discurso sobre as identidades dissidentes e o sexo torna-se alvo de vigilância da sociedade dominante. É nessa direção que a abordagem de Foucault (2009) se movimenta, na tentativa de se desvencilhar do convencionalismo, buscando uma ruptura com os padrões estabelecidos pela ciência e a moral da sociedade burguesa.

Sendo assim, a sexualidade é tratada por Foucault (2009) como um dispositivo, que, em linhas gerais, pode ser traduzido com um conjunto de funções que conduzem os indivíduos a partir de interesses. A assertiva de Foucault (2009) apresentar a sexualidade como um discurso construído através da ciência, possui forte influência sobre os indivíduos, com grande capacidade de sujeitá-los às verdades que lhe são apresentadas. Nesse sentido, portanto, o objetivo do filósofo, na história da sexualidade, é nos fazer pensar sobre os discursos como produto de articulações das relações de poder, que sugerem e determinam o que devemos aceitar como verdade.

A partir daí começam a ser produzidas as verdades sobre o sexo, o que seria adequado ou não, isto é, aquilo que Foucault (2009) chamou de *scientia sexualis* ou um discurso sobre o sexo que deve ser interpretado entre o regime do normal e do patológico, um campo a ser medicalizado pela ciência.

Segundo Weeks (2000), Foucault aponta quatro unidades estratégicas que ligam, desde o século XVIII, uma variedade de práticas sociais e técnicas de poder. Juntas, elas formam mecanismos específicos de conhecimento e poder centrados no sexo. Elas têm a ver com a sexualidade das mulheres; a sexualidade das crianças; o controle do comportamento procriativo; e a demarcação de perversões sexuais como problemas de patologia individual. Essas estratégias produziram, ao longo do século XIX, quatro figuras submetidas à observação e ao controle social, inventadas no interior de discursos

reguladores: a mulher histérica; a criança masturbadora; o casal que utiliza formas artificiais de controle de natalidade; e o pervertido, especialmente o homossexual.

Dessa forma, a sexualidade foi esquadrihada e tornou-se a chave que dá acesso à vida do corpo e à vida da espécie, permitindo o exercício de um poder sobre a população, poder esse denominado por Foucault (2009) de biopoder. Assim, a sexualidade torna-se cada vez mais objeto de micropoderes, de saberes, de análises minuciosas, pesquisas, estatísticas e classificações.

O discurso sobre as identidades dissidentes na perspectiva social e cultural

Com sólidas influências de Foucault, Louro (1997, 2000, 2007, 2008), Jardim (2006), Miskolci (2009, 2012), Scott (1995), Silva (2005), Weeks (2000) e Butler (2003) trazem pesquisas sobre identidades de gênero e sexualidade na perspectiva social e cultural. Seus argumentos refutam as ideias, discursos e proposições de uma identidade fixa, centrada em lógicas binárias e normatizadoras dos corpos, dos desejos e dos prazeres.

Neste sentido, não nos comportamos de determinada maneira devido a nossa identidade de gênero, pelo contrário, adquirimos nossa identidade pela repetição contínua de atos corporais, movimentos particulares e gestos gendrados por significados e significantes socialmente estabelecidos na construção discursiva das identidades (Scott, 1989; Butler, 2003).

Desse modo, torna-se necessário refletir sobre a relação sexo/gênero com o objetivo de questionar a escola enquanto instituição que produz copos governados e docilizados através discursos sexistas. Assim, a escola perde sua função social emancipadora e abre espaço para discriminação de gênero e sexualidade. Sobre tais problematizações, os estudos feministas culturais/ sociais, bem como a teoria *queer*³,

³ Teoria Queer emergiu nos Estados Unidos em fins da década de 1980, em oposição crítica aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e gênero. Surgida em departamentos normalmente não associados às investigações sociais - como os de Filosofia e crítica literária - essa corrente teórica ganhou reconhecimento a partir de algumas conferências em Universidades da Ivy League, nas quais foi exposto seu objeto de análise: a dinâmica da sexualidade e do desejo na organização das relações sociais. A tensão crítica com relação às ciências sociais impulsionou o empreendimento queer e o estabelecimento de um diálogo que já era patente quando, em uma coleção de livros sobre teoria social contemporânea, figurou o título *Queer Theory/Sociology* (Miskolci, 2009, p. 151).

Os teóricos queer focaram na análise dos discursos produtores de saberes sexuais por meio de um método desconstrutivista. Ao invés de priorizar investigações sobre a construção social de identidades, estudos empíricos sobre comportamentos sexuais que levem a classificá-los ou compreendê-los, os

ênfatisam os conceitos de desconstrução e desnaturalização dos discursos e convidam os educadores para o tratamento pedagógico desse desafio educacional contemporâneo, entendidas nas suas dimensões de campos de investigação e intervenção, no sentido de problematizar objetivos e práticas para a construção de uma educação cidadã.

Quando redirecionamos o olhar no discurso sobre o corpo e as sexualidades no contexto escolar, percebe-se a educação a partir das dimensões saber/poder e os indivíduos que por ela são subjetivados. “O espaço pedagógico da escola não é percebido como neutro, mas como um campo fechado, cortado pelas relações de poder que regulam, produzem e moldam indivíduos, fabricando imagens-modelos e avaliações” (Jardim, 2006, p.105). Ao vivenciar o contexto escolar, percebemos o quanto a instituição educacional disciplina e normatiza os indivíduos. A escola instala formas de controle dos discursos através das técnicas de vigilância e disciplina. A disciplina organiza novas relações e a escola, como espaço concreto, se configura como uma tecnologia de dominação e espaço visível de disciplinamento do sujeito para que o corpo possa ser inserido no processo de aprendizagem (Jardim, 2006).

Quanto ao currículo escolar, segundo Silva (2005) é o resultado das relações de poder envolvidas na sua produção. Dessa forma,

o currículo é o lugar das identidades e o instrumento disciplinador de sujeitos governados pelos saberes-poderes, ou seja, é um artefato discursivo no qual as relações de saber-poder são problematizadas. Assim, torna-se uma ferramenta de análise, de modo a evidenciar maneiras que os sujeitos constroem suas formas relacionais, no qual o poder está disseminado por toda à parte, de maneira multiforme. Esse poder que corporifica os currículos é carregado de conhecimento e subjetivações, marcas presentes nas relações sociais de poder. O currículo reproduz – culturalmente – as estruturas sociais (Silva, 2005, p.147).

Cabe ressaltar, que os limites se tornam ainda maiores quando o tema central das discussões são as identidades dissidentes, que apesar de tantos avanços na educação em se discutir assuntos relacionados à sexualidade de forma mais clara e precisa, ainda é um tema marginal, considerado, por vezes, polêmico e complexo demais para a escola.

empreendimentos queer partem de uma desconfiança com relação aos sujeitos sexuais como estáveis e foca nos processos sociais classificatórios, hierarquizadores, em suma, nas estratégias sociais normalizadoras dos comportamentos. Ao colocar em xeque as coerências e estabilidades que, no modelo construtivista, fornecem um quadro compreensível e padronizado da sexualidade, o queer revela um olhar mais afiado para os processos sociais normalizadores que criam classificações, que, por sua vez, geram a ilusão de sujeitos estáveis, identidades sociais e comportamentos coerentes e regulares (Miskolci, 2009, p. 170).

Segundo Miskolci (2012), a problemática não é exatamente das identidades, mas da abjeção. Tal conceito é percebido nos espaços em que a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que consideram uma ameaça ao bom funcionamento da ordem social e política, ou seja, a abjeção é o espaço da dessemelhança e da não-identidade. Nesse contexto,

desprezar alguém por ser gay ou por ser lésbica é, para mim, intolerável. No entanto, na nossa sociedade, essa parece ser uma atitude comum, corriqueira, talvez mesmo compreensível. Conviver com um sistema de leis, de normas e de preceitos jurídicos, religiosos, morais ou educacionais que discriminam sujeitos porque suas práticas amorosas e sexuais não são heterossexuais é, para mim, intolerável. Mas esse quadro parece representar, em linhas mais ou menos gerais, a sociedade brasileira. Por isso, sinto-me autorizada a afirmar que a sexualidade ou as tensões em torno da sexualidade constituem-se numa questão que vale a pena colocar em primeiro plano (Louro, 2007, p. 203)

Sendo assim, Louro (1997) se volta especialmente para as práticas cotidianas, rotineiras e comuns. Entende-se que são precisamente os gestos e as palavras banalizados que devem tornar-se alvos de atenção renovada, de questionamento e de desconfiança. O professor não precisa ser um especialista em Educação Sexual, mas apenas um profissional devidamente informado sobre a sexualidade humana que reflita sobre ela, sendo capaz de criar contextos pedagógicos adequados e selecionar estratégias de informação, de reflexão e de debate de ideias, reciclar-se e atualizar seus conhecimentos de forma a ensinar a pensar, tornando-se mediador do conhecimento.

Resultados e discussões

Foram entrevistados três alunos homossexuais do 3º ano do Ensino Médio. Por ser estudantes da mesma escola, utilizamos nomes fictícios para deixar as transcrições mais próximas da realidade. Segundo Orlandi (2005), o discurso tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O estudo do discurso observa-se os sujeitos falando, fazendo sentido. Adriano, Lucas e Paulo são homossexuais e nos relataram suas trajetórias no contexto escolar.

“Quando criança, eu adorava brincar de boneca e me vesti de mulher. Usava batom e roupas da minha mãe. “Bastava minha mãe sair e eu ia calçar os saltos dela”. Na escola

alguns me chamavam de “viado e “bicha”. Isso quando estão em grupo. Às vezes têm uns que até ficam comigo no sigilo” conta rindo Adriano.

“Existia um grupo de colegas da outra turma que me xingava. Mas às vezes eu enfrentava. Andava rebolando mesmo” conta Paulo.

“É moço, às vezes os bofes⁴ me xingam e depois me chamam para fazer sexo” conta Adriano.

“Cansei de ouvir coisas homofóbicas na escola, de ouvir “além de viado é preto”. Nunca me senti acolhido” conta Lucas.

“As gays também têm de sambar⁵ na cara deles né? Não tem essa não! Eu lacro⁶ com a cara da sociedade” conta Paulo.

“Eu era besta também, mas agora eu dou na cara. Antes tinha medo, mas agora?” conta Lucas.

“Já pensei até em sair da escola, mas eu penso no meu futuro” conta Adriano.

“Quando eu era incubado, todo mundo me zoava, mas agora? Nem vem” conta Paulo.

“Quando eu reclamava, a diretora nunca fazia nada. Então eu ia para cima também” conta Lucas.

É babado viu? Se deixar eles batem mesmo. Às vezes eu fico com medo, mas enfrento conta Adriano.

No discurso de Adriano, Lucas e Paulo ficam evidentes o quanto as demarcações de gênero interferem no contexto escolar. A existência de um modo de vida gay dá oportunidade para as pessoas explorarem suas necessidades e desejos, sob formas que eram algumas vezes literalmente inimagináveis até bem pouco tempo. É por isso, obviamente, que a homossexualidade é vista, frequentemente, como uma ameaça para aqueles ligados ao status *quo* moral (Weeks, 2000).

Não são muitas as pessoas que podemos ouvir afirmando "eu sou heterossexual", porque esse é o grande pressuposto. Mas dizer "eu sou gay" ou "eu sou lésbica" significa fazer uma declaração sobre pertencimento, significa assumir uma posição específica em relação aos códigos sociais dominantes. Mesmo sendo alvos de chacotas, Adriano, Lucas e Paulo lutam pelo reconhecimento de suas identidades na escola. “Os processos de

⁴ Segundo o entrevistado, bofes são homens heterossexuais que fazem sexo com homossexuais e não assumem.

⁵ O termo se refere a enfrentar.

⁶ Lacrar segundo o entrevistado se refere a ir para cima.

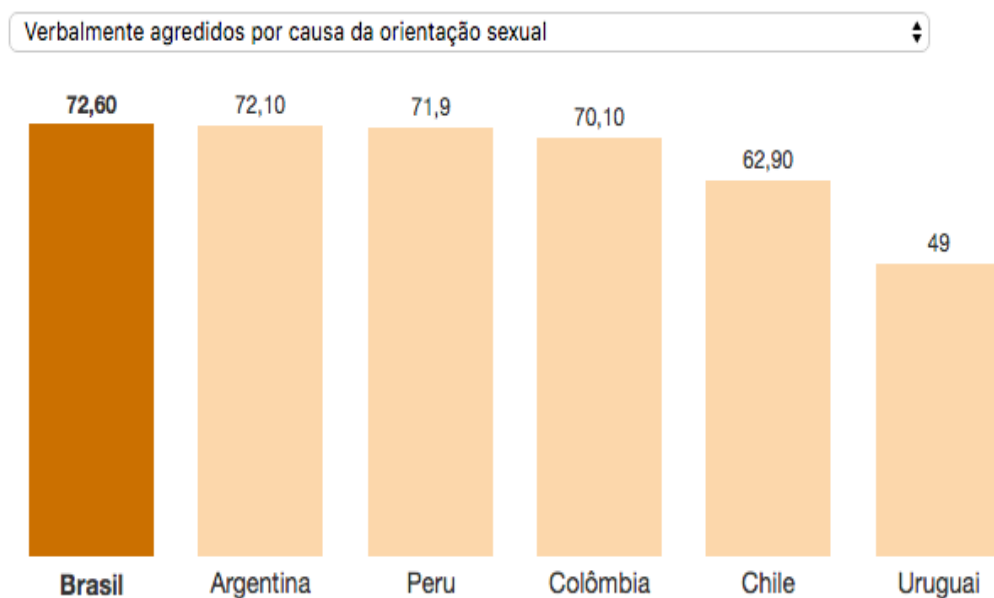
categorização e auto-categorização (isto é, o processo de formação de identidade) podem controlar, restringir e inibir, mas simultaneamente oferecem conforto, segurança e confiança” (Weeks, 2000, p. 51). Assim, a luta das pessoas sexualmente marginalizadas pode ser vista como uma forte resistência ao princípio organizador de atitudes sexuais tradicionais.

Os sentidos e efeitos dos discursos atribuídos às identidades dissidentes no contexto da escola nos leva a compreender o quanto os homossexuais são estigmatizados e agredidos entre os colegas, como mostra o gráfico abaixo.

Figura 1. Homofobia na escola

HOMOFOBIA NA ESCOLA

Pesquisas abordam frequência de agressões contra estudantes LGBT no Brasil e em países da América Latina, em %



Pesquisa realizada pela internet com jovens entre 13 e 21 anos de idade. A amostra final da parte brasileira foi composta por um total de 1.016 estudantes de todas regiões do país. Fonte: Pesquisa Nacional sobre Estudantes LGBT e o Ambiente Escolar realizada em 2015 no Brasil, Chile, Argentina, Uruguai, Peru e Colômbia - AGLBT, Todo Mejora, GLSEN

Fonte: <https://www.comunicaquemuda.com.br/homofobia-na-escola/>

O índice de homofobia no espaço escolar tende a crescer ano após ano, tendo em vista que os atos violentos são contra as pessoas que apresentam identidade de gênero ou orientação sexual diferente do padrão binário estabelecido pela sociedade. Sendo assim, é importante que a escola assuma seu papel social emancipador e trabalhe com as questões de gênero e sexualidade no currículo escolar. Apesar dos avanços das pesquisas sobre as

identidades dissidentes no contexto acadêmico, os resultados sobre as políticas públicas de inclusão ainda são insuficientes no contexto escolar.

As atitudes, as falas e os gestos dos colegas sobre Adriano, Lucas e Paulo refletem o discurso sobre as identidades dissidentes instituídos pelo poder. Nesse contexto, segundo Foucault (1999), “o discurso é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, ou simplesmente aquilo que manifesta o desejo, mas também aquilo pelo que se luta, pelo poder do qual querem nos apoderar” (Foucault, 1999, p. 10).

Nessa perspectiva, importa ressaltar que para Foucault (1999) o discurso cria verdades, produz saberes, formas de pensar e interpretar o mundo, verdade entendida como processos de criação e invenção de nós mesmos. “Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes” (Foucault, 1999, p. 9). Desse modo, a escola, portanto, é um espaço de criação, produção e apropriação dos discursos de seus agentes.

Os discursos proferidos sobre as identidades sexuais de Adriano, Lucas e Paulo criam e professam verdades sobre o sexo traduzidas e reveladas por meio de suas interlocuções, práticas e posturas que ficam intrinsecamente engendradas na constituição subjetiva dos sujeitos.

Considerações finais

O discurso sobre as identidades dissidentes no contexto escolar são construídos como um campo de conhecimento que modela as formas como pensamos e conhecemos o corpo. As formas de repressão se disseminam por meio de discursos homofóbicos e caracterizam-se através de controle, negação e proibição. Dessa forma, é importante desmitificar a ideia de que falar de sexualidade é errado, ou deve ser feito em determinados lugares. Tais crenças só dificultam o processo de autoconhecimento do ser humano, de modo geral, uma vez que se limita ao que é aceito pela sociedade, impondo barreiras para o descobrimento de outras possibilidades, acarretando uma geração de adultos que temem os próprios desejos.

Com base nas entrevistas, percebemos o quanto as atitudes discriminatórias e preconceituosas interferem no rendimento escolar. Adriano, Lucas e Paulo já chegaram a pensar em desisti de estudar. Os alunos homossexuais são tratados de forma diferente

pelos demais discentes. Na escola, bem como em outros lugares, a homossexualidade é encarada como “contagiosa”, o que promove, conseqüentemente, a exclusão de pessoas homossexuais, uma vez que a aproximação pode ser compreendida como uma identificação a tal identidade, o que vem a reforçar a marginalização desse grupo (Louro, 2000).

Segundo Weeks (2000), o que estamos vendo é um reconhecimento pequeno dos fatos da diversidade sexual. Até o momento, tem sido apenas num grau limitado que esse reconhecimento tem se transformado numa aceitação positiva da diversidade e do pluralismo na escola. É necessário salientar, portanto, a importância da continuidade das investigações que questionem gêneros, sexualidades e orientações sexuais de caráter tradicionalistas e das quais resultem relações de poder menos desiguais.

Diante desses apontamentos, considera-se necessário a inclusão dessas temáticas nas grades curriculares das universidades nos cursos de formação de professores e nos programas de formação continuada docente para que se possam garantir práticas educativas a favor da igualdade de direitos e da não discriminação por orientação sexual e/ou identidade de gênero na escola.

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e Subversão da identidade**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 5. ed. Tradução de Laura F. de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade *In: A vontade de saber*. 19. ed. Tradução de Maria Tereza da Costa Alburquerque e J. A. Guilhon Alburquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

JARDIM, Alex Fabiano Correia. Michel Foucault e a educação: o investimento político do corpo. **Unimontes Científica**, v.8, n.2, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>>. Acesso em: 04 jan. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982007000200008&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 fev. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2.ed. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, jan./jun. 2009, p. 150-182.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Ouro Preto: Autêntica, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v.20, n.2, Porto Alegre, 1995, p. 71-99.

SILVA, Tomaz T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira L. (Org.) **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.35-82.